

Diretores dão aula e garantem reposição

DIANTE DA RESISTÊNCIA DOS PROFESSORES DEVOLTAREM À SALA DE AULA AOS SÁBADOS, SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DECIDE CONVOCAR DIREÇÃO DAS ESCOLAS E EVITAR MAIS PREJUÍZO AOS ALUNOS

Fabio Pedrosa

Mais uma vez o impasse está formado na educação pública do Distrito Federal. Os professores suspenderam a reposição dos dias parados na greve ocorrida este ano. Alegam que o GDF não está cumprindo o acordo firmado em 29 de abril. A Secretaria de Educação rebate garantindo que os termos vêm sendo cumpridos. Para não enterrar de vez o calendário escolar, o governo convocou diretores, vice-diretores e coordenadores para dar as aulas aos sábados.

A medida foi anunciada para que não se perca o ano letivo de 2002, que por causa da greve só deve ser concluído em 15 de janeiro de 2003. "A comunidade está desgastada e os alunos não aceitam a paralisação", diz a secretária de Educação, Anna Maria Villaboim. "Se o calendário não for efetuado, fica comprometido as férias coletivas dos professores, o recesso dos alunos e começa a complicar o ano letivo de 2003".

"Nós queremos o pagamento integral de março, como está no acordo, dispara a diretora do Sindicato dos Professores (Sinpro-DF), Maria Augusta. "Eu entendo que cumprimos o acordo", rebate a secretária de Educação, Anna Maria Villaboim.

Para o GDF, o Sinpro está radicalizando. "Já pagamos quatro dias de março, no próximo dia 10 pagaremos mais cinco sábados de reposição, de um to-



Secretaria Villaboim (detalhe) quer evitar a perda do ano letivo

tal de 17 dias letivos. Ficam faltando oito dias de março para serem pagos até 10 de agosto", garante Ana Maria.

A Secretaria de Educação acenou com a proposta de antecipação do pagamento das reposições. Os últimos dias seriam pagos não no início de agosto, mas em 30 de julho. Os professores decidem se aceitam na quarta-feira próxima, às 15h30, em assembleia no Mané Garrincha.

"Lamentamos que isso acon-

teça. Ao invés de a Secretaria tentar resolver questão, tenta, de forma até irresponsável, pressionar os professores. Por mais que tente, a secretaria não conseguirá substituir os mais de três mil profissionais da rede pública", diz Maria Augusta. "Amanhã (hoje) teremos um dia normal de aula. Se precisarmos, colocaremos em ação a equipe de trabalho da Gerência Técnica e os quase quatro mil professores de contrato temporário", afirma a secretária. "Gostaria

que o bom senso prevalecesse e que os professores cumprissem o acordo".

O Sinpro ainda acusa o governo de não recontratar todos os professores com contrato temporário demitidos em meio a greve, que durou 54 dias. Segundo o sindicato, o novo Plano de Carreira da categoria, que deverá ser enviado no máximo até 31 de julho à Câmara Legislativa, está emperrado.

Na briga, quem sai perdendo são os alunos das escolas públí-

cas, principalmente os do ensino médio, que se preparam para o Programa de Avaliação Seriada (PAS) da Universidade de Brasília (UnB). Mesmo que as aulas sejam repostas por funcionários qualificados das escolas, o ritmo não é igual, a metodologia é diferente da que os estudantes estão acostumados e será difícil seguir o planejamento da aula. O clima de incerteza também desestabiliza o aluno, que na prática fica inseguro para provas do PAS.